

## OS MALEFÍCIOS DO USO DOS PSICOFÁRMACOS NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Júnia Aparecida Portes<sup>1</sup>  
Kellen Nara Souza Sampaio<sup>1</sup>  
Vitória Mendes Machado<sup>1</sup>  
Adriano Carlos Soares<sup>2</sup>  
Janine Lopes Carvalho<sup>3</sup>

[professoradrianosoares@gmail.com](mailto:professoradrianosoares@gmail.com)

**ÁREA DO CONHECIMENTO:** Ciências da Saúde

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicofarmacologia, transtorno do espectro autista, medicamentos psicotrópicos e antipsicóticos.

### INTRODUÇÃO

Este artigo aborda como tema central os danos acometidos pelos psicofármacos em crianças e adolescentes diagnosticadas com Transtornos do Espectro Autista (TEA), investigou-se em analisar os sinais e sintomas nos indivíduos diante da aplicação dos medicamentos. O autismo é denominado uma síndrome neuropsiquiátrica do grupo dos Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), seus sintomas iniciais sedão na primeira infância, afetando todos os aspectos do desenvolvimento infantil (BRASIL, 2013). É desenvolvimento atípico, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos/estereotipados, e pode ocorrer um repertório restrito de interesses e atividades (DMS-5). O trabalho se justifica pela necessidade de examinar os efeitos colaterais dos fármacos nas crianças e adolescentes com TEA, perante aos impactos advindos na decorrência da utilização dessas substâncias. A questão-problema partiu do por que muitos autistas tomam medicamento para reduzir a sintomatologia? Partindo disso, o objetivo da pesquisa é mostrar como os psicofármacos trazem diversos malefícios para a vida dos acometidos. Ressaltando, o cuidado no uso desses medicamentos. Trabalhos como este são importantes para trazer novos conhecimentos e informações sobre a ação dos medicamentos para as crianças e adolescentes diagnosticadas com TEA.

### METODOLOGIA

Trata-se de um estudo bibliográfico do tipo narrativo no qual foram analisadas diversas publicações em artigos científicos por meio eletrônico. O estudo foi conduzido através de buscas ativas em artigos científicos nas plataformas: Scielo, Google Acadêmico e

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário

<sup>2</sup> Farmacêutico-Bioquímico (UFOP); Cirurgião Dentista (UNIVÉRTIX); Doutor em Bioquímica Aplicada (Biotecnologia) (UFV); Mestre em Ciências Naturais e da Saúde (UNEC); Especialista em Docência do Ensino Superior (UCAM, RJ), Especialista em Disfunção Temporomandibular e Dor Orofacial (UniBF, Paraná). Professor dos cursos de Farmácia, Psicologia, Enfermagem, Medicina e Odontologia do Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX.

<sup>3</sup> Psicóloga, Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Psicologia. Coordenadora do Curso de Psicologia e Professora do Centro Universitário Univértix.

*Anais do FAVE – Fórum Acadêmico da Univértix, Matipó, setembro, 2023.*

PubMed. Diante disso, a pesquisa buscou uma compreensão sobre o transtorno do espectro autista e o uso do psicofármaco em pessoas diagnosticadas com o TEA. As principais palavras chaves utilizadas nas pesquisas foram: “Tratamento farmacológico em Autistas”, “Malefícios”, “Autismo”, “Psicofarmacologia”, “Medicamentos Psicotrópicos e Antipsicóticos” e juntamente utilizada com a busca booleana “AND”. A coleta ocorreu de forma qualitativa, mantendo contato direto entre pesquisador e situação estudada, compreendendo os aspectos mais profundos e detalhados sobre o assunto relacionado (NEVES, 1996). Em sua totalidade foram identificados 987 artigos e destes foram selecionados 12 preceitos. Foram considerados artigos que apresentassem uma descrição da doença, a sintomatologia e os malefícios do uso da medicação com o escopo da diminuição dos indícios que prejudiquem a vida social de indivíduos com o Transtorno do Espectro Autista, e, foi descartados os textos irrelevantes que dispersaram do objetivo central do estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por meio das manifestações, em 1978, o psiquiatra Michael Rutter caracteriza o autismo baseado em quatro tipos: 1) atraso e desvio sociais não só como função de retardo mental; 2) problemas de comunicação, novamente, não só em função de retardo mental associado; 3) comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismos; e 4) início antes dos trinta meses de idade (Klin, 2006, p. 2). A identificação do TEA pode ser realizada de acordo com o QI (quociente de inteligência) da criança, classificado como leve, moderado e severo. A criança autista com o QI entre 67 e 52, se agrupa no nível leve, apresentando desenvolvimento considerado igual ao de crianças de sua idade e conseguem ter uma vida normalmente. Aquelas que têm o QI entre 51 e 36, são encaixados no nível moderado, conseguem ter comportamentos como execução de cuidado pessoal, se vestem e alimentam sozinhos. No nível severo, o QI está entre 35 e 20, nesse nível os autistas não conseguem executar suas atividades sozinhos e necessitam da ajuda de outras pessoas (PEETERS, 1998; MOTTA, 2006; FERREIRA, 2008). Holmes *et al.* (2015) enaltece que as expectativas criadas no âmbito familiar estão diretamente relacionadas com o QI apresentado por cada adolescente, ou seja, quanto maior a capacidade intelectual do filho, maiores serão as idealizações por parte dos pais. O estudo de Hirosawa *et al.* (2020) indicam que fatores como maior inteligência, menor idade e ser do sexo masculino estão relacionados a melhores taxas de cognição social no TEA. As grandes categorias de fármacos comumente utilizadas são os antipsicóticos atípicos, típicos e estabilizadores do humor (HYMAN, LEVY & MYERS, 2019). Os efeitos adversos mais comuns são cefaléia, redução do apetite, perda de peso, insônia, dores abdominais e redução do crescimento em crianças. Dentre os efeitos menos citados estão a dependência, aumento da irritabilidade, piora dos sintomas de hiperatividade, náuseas, taquicardia e aumento da ansiedade (NASÁRIO, 2022). Estudos mostram que os efeitos do uso da medicação no corpo podem originar a tolerância à medicação, necessitando de doses ainda mais altas e causar abstinência no sujeito quando este não as utiliza (CUGURRA, 1994). Em alguns casos, utiliza-se os metilfenidatos, esses produzem os mesmos efeitos adrenérgicos e dopaminérgicos das anfetaminas, resultando na desregulação do perfil bioquímico de glicose, eletrólitos, minerais e enzimas hepáticas. As manifestações do uso prolongado desse fármaco, resulta em vários tipos de falência de órgãos, manifestando-se, clinicamente, por alterações das enzimas hepáticas e dos gases sanguíneos, diminuição

da produção de urina, hipotensão, taquipneia, taquicardia e reflexos tendinosos profundos hiperativos (CHARACH, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a utilização de fármacos em crianças e adolescentes embora possam ser úteis, existem preocupações concretas sobre os efeitos colaterais indesejáveis, podendo desencadear um potencial de dependência e interferir no desenvolvimento natural da criança ou do adolescente. O cérebro em crescimento pode ser especialmente sensível aos efeitos dos medicamentos, e seu uso contínuo pode dificultar a maturação cerebral e outras áreas importantes. Os profissionais de saúde devem seguir as diretrizes clínicas e realizar uma avaliação completa, levando em consideração a gravidade dos sintomas e as necessidades individuais de cada paciente. Contudo, é prescindível percorrer a outras opções de tratamento, como psicoterapias e processos educacionais.

## REFERÊNCIAS

CUGURRA, F. Uso prolongado de psicofarmacos na Clínica Terapêutica, **Revista ciência e Profissão**. [s.l.], v.145, n.10, p.267-276, 1994.

CHARACH, Gideão et al. **O metilfenidato tem efeitos hiperglicêmicos e hipocalóricos leves e aumenta a contagem de leucócitos e neutrófilos**. Medicamento. [s.l.], v.99, n.27, 2020.

CURTIS, A. Por que a educação sexual é importante para adolescentes com transtorno do espectro autista. **Revista American Journal of Nursing**, [s.l.], v.117, n.6, p. 11, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15558>. Acesso em: 28 de Abril de 2023.

HYMAN, S. L., LEVY, S. E., & MYERS, S. M. Identificação, Avaliação e Manejo de Crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Pediatria**, [s.l.], v.145, n.1, p.1-71, 2019.

HIROSAWA, T., Kontani, K., Fukai, M., Kameya, M., Soma, D., Hino, S., Kitamura, T., Hasegawa, C., Na, K., Takahashi, T., Yoshimura., Y. & Kikuchi, M. Diferentes associações entre inteligência e cognição social em crianças com e sem transtornos do espectro autista. **Revista PLoS One**, [s.l.], v.15, n.8, p.1 – 18, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15558>. Acesso em: 28 de Abril de 2023.

HOLMES, L.G., Himle, M.B. & Strassberg, D.S. (2015). Expectativas românticas dos pais e comunicação da sexualidade entre pais e filhos no espectro do autismo transtornos. **Revista Autismo**, [s.l.], v.20, n.6, p.687 - 699, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15558>. Acesso em: 30 de Abril de 2023.

MASI, A., DEMAYO, M. M., GLOZIER, N., GUASTELLA, A. J. Uma Visão Geral do Transtorno do Espectro do Autismo, Heterogeneidade e Opções de Tratamento. **Boletim de Neurociência**, [s.l.], v.33, n.2, p.183-193, 2017. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1007/s12264-017-0100-Y>. Acesso em: 21 de Abril de 2023.

MUHLE, R., TRENTACOSTE, S. V., & RAPIN, I. (2004). **A genética do autismo**. *Pediatria*, 113(5), e472–e486. Disponível em: <https://doi.org/10.1542/peds.113.5.e472>. Acesso em: 22 de Abril de 2023.

NASCIMENTO, G. F. R. .; SILVA, P. E. M. da.; GUEDES, J. P. de M. . **Avaliação de métodos farmacológicos no Transtorno do Espectro Autista (TEA): a importância da medicação no tratamento de crianças e adolescentes**. *Investigação, Sociedade e Desenvolvimento*, [S. l.], v. 10, n. 14, pág. e511101422442, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i14.22442. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/22442>. Acesso em: 30 de Abril de 2023.

NIKOLOV, R., JONKER, J., & SCAHILL, L. Autismo: tratamentos psicofarmacológicos e áreas de interesse para desenvolvimentos futuros. *Revista Brasileira De Psiquiatria*, v. 28, n. 1, p. s39 s46, 2006.

NEVES, José Luís. **Pesquisa Qualitativa- Características, usos e possibilidades**. Caderno de pesquisas em Administração, São Paulo, 1996. Disponível em: [file:///C:/Users/55318/Downloads/PESQUISA\\_QUALITATIVA\\_CHARACTERISTICAS\\_USO%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/55318/Downloads/PESQUISA_QUALITATIVA_CHARACTERISTICAS_USO%20(2).pdf). Acesso em: 24 de Abril de 2023.